

Leitura: Teoria & Prática



global
EDITORA

ANO 30 – JUNHO 2012 – NÚMERO 58 – ISSN 0102-387X – REVISTA SEMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL

SUPLEMENTO ESPECIAL - 18ª COLE

FAPESP
UNICAMP



CNPq
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico



Prezado leitor.

Você terá acesso ao índice com o conteúdo de sua edição especial de **Leitura: Teoria & Prática** utilizando o recurso **bookmarks** de seu **Adobe Reader**.

Basta clicar no botão sinalizado por um marcador de páginas situado à esquerda, na parte superior de sua tela.

Você também pode utilizar o recurso de localização (**Ctrl + F**) e realizar buscas por nomes de autores ou títulos de artigos.

Além disso, você pode utilizar os modos de leitura do **Adobe Reader** (**Ctrl H** e **Ctrl L**), que proporcionam mais conforto.

Boa leitura.



Associação de Leitura do Brasil

COMISSÃO EXECUTIVA EDITORIAL

Gabriela Fiorin Rigotti (coordenadora) (Unicamp); Alik Wunder (PUCCamp); Ana Lúcia Horta Nogueira (USP); Antonio Carlos Amorim (Unicamp); Davina Marques (USP); Heloísa Helena Pimenta Rocha (Unicamp); Lílian Lopes Martin da Silva (Unicamp); Maria Lygia Köpke Santos (ECC); Rosalia de Ângelo Scorsi (Unicamp); Ubirajara Alencar Rodrigues (Unicamp).

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Águeda Bernardete Bittencourt (Unicamp); Ana Luiza Bustamante Smolka (Unicamp); Antônio Manuel da Costa Guedes Branco (Universidade do Algarve - Portugal); Charly Ryan (University of Winchester - Inglaterra); Antônio Augusto Gomes Batista (UFMG); Edmir Perrotti (USP); Eliana Kefalás Oliveira (UFAL); Francisca Izabel Pereira Maciel (UFMG); Giovana Scareli (UNIT); Guilherme do Val Toledo Prado (Unicamp); Héctor Rubén Cucuzza (Universidad Nacional de Luján e Universidad Nacional de La Plata - Argentina); Heitor Gribl (Unicamp); João Wanderley Geraldi (Unicamp); Joaquim Brasil Fontes (Unicamp); Lívia Suassuna (UFPE); Luciane Moreira de Oliveira (PUCCamp); Luiz Percival Leme Britto (UFOPA); Magda Becker Soares (UFMG); Maria do Rosário Longo Mortatti (UNESP); Maria Inês Ghilardi Lucena (PUCCamp); Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ); Marly Amarilha (UFRN); Max Butlen (UCP IUFM - França); Milton José de Almeida (Unicamp); Norma Sandra de Almeida Ferreira (Unicamp); Núria Vilà Miguel (Universidad Autònoma de Barcelona - Espanha); Raquel Salek Fiad (Unicamp); Regina Zilberman (UFRS); Roberval Teixeira e Silva (UM - FSH - China); Rosa Maria Hessel Silveira (UFRGS); Rosana Horio Monteiro (UFG); Sônia Kramer (PUCRJ).

APOIO

Faculdade de Educação / UNICAMP

REVISÃO EDITORIAL

Fabiano Corrêa da Silva

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Global Editora e Distribuidora Ltda
R. Piratinguin, 111 - Liberdade - São Paulo - SP - CEP: 01508-020
Fone +55 xx 11 3277-7999 - Fax: +55 xx 11 3277-8141
CNPJ: 43.825.736.001-01 - Insc. Est: 109.085.073.112
CAPA: Criação e layout: Rosalia de Angelo Scorsi sobre Calligraphy Tools - Hokusai - 1822 (2009 - Parkstone Press International, New York, USA)

Leitura: Teoria & Prática solicita colaborações, mas reserva-se o direito de publicar ou não as matérias enviadas para a redação. Todos os textos deverão seguir as regras de publicação expressas ao final da Revista.

ASSOCIAÇÃO DE LEITURA DO BRASIL - DIRETORIA

Presidente: Antonio Carlos Amorim

Vice-presidente: Gabriela Fiorin Rigotti

1º Secretário: Alik Wunder

2º Secretário: Ana Lúcia Horta Nogueira

1º Tesoureiro: Davina Marques

2º Tesoureiro: Ubirajara Alencar Rodrigues

Obs.: Além da diretoria, a ALB conta com um Colegiado Nacional de Representantes.

REDAÇÃO

Leitura: Teoria & Prática - Associação de Leitura do Brasil
Caixa Postal 6117 - Anexo II - FE/UNICAMP - CEP: 13083-970 - Campinas - SP - Brasil
Fone +55 xx 19 3521-7960 - Fone/Fax +55 xx 19 3289-4166.
E-mail: ltp@alb.com.br - Home page <http://alb.com.br/>

Catálogo na fonte elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Educação / UNICAMP

Leitura: Teoria & Prática / Associação de Leitura do Brasil. - ano 1, n.0, 1982 -. - Campinas, SP: Global, 2012.

Revista da Associação de Leitura do Brasil
Periodicidade: Semestral
ISSN: 0102-387X
Ano 30, n.58, jun. 2012

1. Leitura - Periódicos. 2. Educação - Periódicos. 3. Lín- guas - Estudo e ensino - Periódicos. 4. Literatura - Periódicos. 5. Biblioteca - Periódicos - I. Associação de Leitura do Brasil.
CDD - 418.405

Indexada em:

Edubase (FE/UNICAMP) / Sumários de Periódicos Conrrentes Online (FE/ UNICAMP) / Linguistics and Language Behavior Abstracts (LLBA) / Clase (México, DF) / BBE (INEP/SIBEC)

Impresso no Brasil - 2012

© by autores

Editada pela ALB - Associação de Leitura do Brasil (Campinas, SP) em co-edição com a Global Editora (São Paulo).

Atualmente a Revista faz um total de 55 permutas. A ALB tem interesse em estabelecer permuta de sua revista *Leitura: Teoria & Prática* com outros periódicos congêneres nacionais ou estrangeiros. Os interessados devem entrar em contato com a Biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP para estabelecer a permuta através do endereço abaixo:

Gildenir Carolino Santos

Diretor da Biblioteca Prof. Joel Martins

Faculdade de Educação - Universidade Estadual de Campinas

Rua Bertrand Russell, 801 - Cidade Universitária

Caixa Postal: 6120 - CEP: 13083-970 - Campinas - SP - Brasil

Tel +55 xx 19 3521-5571 - Fax +55 xx 19 3521-5570

E-mail: gilbfe@unicamp.br - URL: <http://www.bibli.fae.unicamp.br/index.html>

EDITORIAL

CONTRACOMBATES À HOMOGENEIZAÇÃO NA ESCUTA DO MUNDO

GABRIELA FIORIN RIGOTTI¹

ANTONIO CARLOS AMORIM²

O 18º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), com seu temário O Mundo Grita. Escuta? abre-se para ouvir os gritos que soam em dinâmicas e criações de diversas linguagens que leem o mundo: as postagens – cartas, telegramas, cartões postais, torpedos...; as artes – fotografia, música, literatura, teatro, dança, cinema, instalações...; as formas de vida – da infância, da loucura, da velhice, da juventude, da resistência, das relações socioculturais...; as dobras da língua portuguesa – atravessamentos subjetivos, polissêmicos, polifônicos, políticos... Potências do fragmento, da sonoridade, da imagem, da territorialidade, da temporalidade; potências plurais e singulares, vacúolos e sem-sentidos, contracombates à homogeneização na escuta do mundo.

Leituras que possam se abrir à ausência de clareza da linguagem e a propostas que não sejam consideradas centrais ou principais. Contracombate. Palavra que sugere pensar sem passar pela resistência. Contracombate, a força que deriva na/pela linguagem, re-existindo em um mundo que cala por seu desejo de hegemonia e de uniformidade.

Este número da Revista Leitura: Teoria & Prática compõe, com as formas que organizamos o 18º COLE, na aposta de tratar a leitura em sua superfície de entrelace de linguagens, criações de escuta, de sussurros e gritos, em ouvidos, muitas vezes, já “murados” e à prova de sons.

A sugestão não é buscar pelo esclarecimento e pela

transparência, tributárias da comunicação e de certo viés cognitivo que ainda persiste em atrelar a linguagem em um jogo de interioridade e exterioridade com o pensamento.

A leitura encontrará as aberturas para o sem-sentido, o contracombate e a proliferação da vida livre?

Os escritos de Max Butlen, traduzidos por Joaquim Brasil Fontes, vêm ao encontro dessa pluralidade de sentidos, ao apontar para o desconhecimento frequente de continuidades acerca do processo de compreensão e interpretação literárias, ao mesmo tempo em que expõe como benéficas e necessárias certas rupturas de sentido.

Outras percepções para a leitura do mundo também podem aparecer em processos de escrita e criação a partir do corpo, como nos mostra Adilson Nascimento em seu ensaio literário, descrevendo a dança como fusão entre matéria-espírito, dois aspectos complementares na totalidade do ser. A imagem e constituição do palhaço como texto, escrito em forma de diário, aberto e soberano, no artigo de Eduardo Silveira evidenciam novamente a largueza de sentidos contidos no âmbito da leitura.

Seguindo a trilha da leitura a partir das artes, o artigo de Silvia Nassif faz uma análise crítica das práticas artísticas na educação infantil, confirmando a importância de que sejam abordadas em total cumplicidade com as questões mais fundamentais do processo educacional. Já Dennys Dikson e Eduardo Calil analisam a construção estudantil do discurso a

1 - Coordenadora da Comissão Executiva Editorial e pesquisadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita – ALLE, FE/Unicamp. e-mail: gabi@alb.com.br

2 - Presidente da Associação de Leitura do Brasil (ALB) no biênio 2011-2012 e pesquisador do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais – Olho, FE/Unicamp. e-mail: acamorim@alb.com.br

partir da imagem e de textos que dialogam em histórias em quadrinhos da Turma da Mônica.

A leitura como espaço de encontro e desencontro do leitor com o autor é apontada pelo artigo de Pedro Navarro, novamente indicando para o sem-fim de leituras possíveis, a partir de escritos e outras representações presentes no mundo. Nessa conexão, os escritos de Stela Miller evidenciam a importância do trabalho pedagógico para o desenvolvimento da imaginação criadora da criança a partir de práticas de leitura.

Almejando também pensar sobre o ler como matéria-prima para o imaginar, Eliana Felipe resenha o livro de Norma Sandra de Almeida Ferreira, o qual incorpora reflexões sobre a produção, circulação e recepção das obras de Monteiro Lobato no Brasil e em Portugal, além de sua transferência para outros meios, como a televisão. Carlos Drummond de Andrade, outro de nossos incentivadores da imaginação, aparece no artigo de Maria Amélia Dalvi, que o busca nos livros didáticos e defende que o autor apareça em representações menos lineares e homogêneas, subvertendo as visões hegemônicas de literatura.

Na procura por novos e mais amplos caminhos a serem percorridos pelo sem-fim de sentidos da leitura, Cyntia Giroto e Renata Junqueira argumentam favoravelmente à implementação contextualizada e adequada ao aprendizado

da literatura infantil à realidade de seus alunos, pois tornam a leitura infantil significativa e prazerosa. Ao mesmo tempo, Juliana Tozzi analisa a importância da escolha de livros para a leitura de crianças e jovens por parte de seus professores, e Paula Roberta Rocha e Adriana Laplane apontam para as influências das práticas de leitura na família e na escola na constituição de alunos-leitores.

Este número 58 da Revista Leitura: Teoria & Prática contém um suplemento com artigos aprovados para apresentação no 18º COLE. Inovamos nesta direção de publicar tais artigos como parte integrante da revista, no estilo de um dossiê temático, e divulgá-los mais amplamente para sua comunidade leitora. Seguimos, desta forma, qualificando a publicação e diversificando suas temáticas e alcances.

A publicação deste novo número da Revista Leitura: Teoria & Prática ressoa também com o marco dos 30 anos da criação e do início dos trabalhos da Associação de Leitura do Brasil (ALB), pois se trata de um dos artefatos mais destacáveis dessa história. Sua publicação traz, portanto, o sabor do conjunto de comemorações de aniversário da ALB que se iniciarão no 18º COLE.

E significa ainda um dos nossos presentes às associadas e aos associados da instituição!

MACHADO DE ASSIS E SEUS LEITORES DA ERA DA INTERNET: O QUE SE DIZ SOBRE OS CLÁSSICOS NO SKOOB

Pedro Ivo Silveira Andretta¹
Luzmara Curcino¹

Resumo

Em nosso trabalho de pesquisa procuramos apreender algumas representações do jovem leitor contemporâneo e de suas práticas de leitura, em especial, daqueles que atuam, ao mesmo tempo, como *novos leitores* e (*novos*) *críticos* da obra de Machado de Assis. Neste trabalho, analisaremos um *corpus* constituído por duas resenhas de obras machadianas, produzidas por uma leitora participante da rede social SKOOB, apoiando-nos teórica e metodologicamente na Análise do Discurso de orientação francesa e na História Cultural do livro e da leitura. Nosso objetivo é levantar algumas características da escrita dessas resenhas que possam nos fornecer subsídios para a apreensão de traços característicos das representações sobre o leitor e a leitura presentes na construção deste tipo de texto. Observamos com a análise que esse leitor jovem, que se vale das novas tecnologias eletrônicas de produção e circulação de textos, está suscetível, como expresso na escrita das resenhas selecionadas, às injunções das novas formas de produção e circulação dos textos, de um lado, e às injunções das instituições clássicas de julgamento e validação de textos de origem literária, de outro. A linguagem empregada e, particularmente, a variação de registro (formal e informal) num mesmo texto são um indício peculiar do impacto que as formas eletrônicas de produção e acesso a textos podem exercer sobre as práticas leitoras e de produção de textos na atualidade.

Palavras-chave

Leitor contemporâneo; análise do discurso; história cultural.

Abstract

In our research we seek to apprehend some representations of contemporary young readers and their reading practices, especially those that operate, at the same time, as new readers and (new) reviewer of Machado de Assis. In this paper, we analyze a corpus of works by two reviews of Machado de Assis, produced by a reader who is a user of the social network named Skoob, based on the theoretical and methodological guidance of the French Discourse Analysis and the Cultural History of books and reading. Our aim is to raise some of these features of reviews writing that can lead us for the apprehension of the characteristic features of the representations of the reader and reading, in the construction of this kind of text. We has observed with the analysis that this new kind of reader, which takes advantage of new electronic technologies of production and circulation of texts, it is liable to impositions of new forms of production and circulation of texts, as we observed in the selected reviews writing, on the one hand, and to the impositions of the classical institutions of judgment and validation of literary source texts on the other. The language which is used, and particularly the variation of register (formal and informal) in the same text are indications of the impact that this peculiar shape of production, the electronic shape, can have on readings and text production today.

Keywords

Contemporary reader; discourse analysis; cultural history.

1 - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Mutações técnicas na produção e circulação de textos e a prática do comentário:

A emergência e difusão da internet trouxeram transformações de ordem tecnológica e técnica além de práticas, relacionadas à produção e circulação de textos de diversas origens e tipos, permitindo a expansão na divulgação de opiniões em torno dos mais variados assuntos de maneira direta e relativamente autônoma, sem a necessidade expressa de mediadores, ou seja, de que editores ou instituições validem, confirmem ou aprovelem os pontos de vista divulgados. Nesse contexto, o sonho enunciado por Kant no qual “[...] cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, [...] emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e [...], ao mesmo tempo, pudessem refletir sobre o juízo emitido pelos outros” (CHARTIER, 1998, p. 134) torna-se realidade com a emergência e as possibilidades estabelecidas pela *Web 2.0*.

Desde sua criação, aumentou não apenas o número de pessoas que passaram a ter acesso à internet, mas também à banda larga, às contas em *e-mail*, a *blogs*, a domínios *web* além da participação dos internautas em *chats*, na escrita de enciclopédias e dicionários coletivos e sua filiação a redes sociais voltadas para o entretenimento, relacionamento, interlocação sob diversos temas (literatura, artes, ciências, entre outras). É possível afirmar hoje que nunca se produziu e se publicou tantos textos, nunca foi tão fácil ter acesso ao volume de conhecimento (do científico ao útil, até o mais banal), assim como nunca foi tão difícil não se perder e se enganar pelas possibilidades do hipertexto e pelo excesso de informações e sua relativa indistinção de origem nas páginas que se acumulam abertas em uma mesma tela.

Considerando esse quadro, abordaremos neste estudo, a partir do levantamento e análise de alguns textos que circulam livremente na *web*, algumas prováveis mudanças, assim como continuidades, empreendidas nas práticas de leitura e de escrita na contemporaneidade, focalizando nossa análise no modo como *novos leitores* de Machado de Assis comentam e compartilham a leitura que fazem de obras deste autor, com o objetivo de promover a leitura (ou não) das obras comentadas e de se promover como leitor.

Ao os designarmos por *novos leitores*, retomamos aqui o termo empregado por historiadores culturais da leitura, atribuído àqueles que, em diferentes períodos da história, tiveram acesso a textos que não lhes tinham sido originalmente destinados, por pertencerem a grupos sociais distintos daqueles dos produtores dos textos e dos leitores por estes visados. Assim, esses textos, oriundos de um espaço cultural muitas vezes elitizado cujos valores, modelos e formas de interpretação eram, em alguma medida, estranhos a leitores de camadas populares, mas por razões de produção e circulação editorial inesperadas, chegaram às mãos destes seus *novos leitores*². Por não compartilharem dos mesmos princípios culturais de leitores eruditos, esses *novos leitores*³ se valiam de estratégias e exerciam práticas de leitura por vezes muito distintas daquelas ensejadas ou pressupostas pelo autor ou pelo editor dos textos, pertencentes a outra comunidade de leitores, ou mesmo pelo universo cultural que regulava os valores simbólicos dos textos, as formas de sua interpretação e sua destinação para uma determinada comunidade, num certo espaço e tempo, tal como o faz o universo acadêmico. Essa perturbação na destinação dos

2 - São conhecidas as pesquisas históricas desenvolvidas por Roger Chartier (1999; 2003, por exemplo) sobre a *Bibliothèque Bleue* e seus leitores, assim como as pesquisas de Carlo Ginzburg (1987), Jean-Marie Goulemot (1981), Daniel Roche (1982), Jean Hébrard (2005), entre outros, sobre leitores populares, do século XVI ao XIX, que, em sua maioria autodidatas, se apropriaram de textos de circulação restrita a grupos sociais mais familiarizados com a cultura escrita, e que a partir de seu instrumental mental e cultural específicos, fizeram usos e interpretações peculiares, por vezes conflitantes com aqueles idealizados pelos autores e efetivados por seus leitores objetivados inicialmente.

3 - Designamos ainda por *novo leitor* aquele que, dito de origem e cultura popular, representa um filão comercial importante e intensamente explorado pelas (velhas e novas) mídias, cujo perfil é bastante impreciso (porque amplo e variado conforme as particularidades do objeto cultural e dos textos que lhe são destinados) e ao qual nos cabe delinear a partir da análise de estratégias de escrita textuais e editoriais empregadas na construção dos textos, assim como por meio de entrevistas e de análise de comentários dos próprios leitores sobre o que e como leram.

textos a um público leitor específico se deu de diferentes formas ao longo da história. Na atualidade, ela é tributária em grande medida das novas formas de reprodução e circulação eletrônicas de textos antes manuscritos ou impressos e hoje disponíveis também virtualmente, que não apenas são lidos sob essa forma mas também comentados, avaliados, resumidos segundo princípios e modelos de interpretação bastante variados.

Vinculados ao Projeto de pesquisa desenvolvido junto ao LIRE⁴ (Laboratório Interdisciplinar de estudos sobre as Representações do leitor brasileiro contemporâneo), cujo objetivo geral é o de apreender e descrever práticas contemporâneas de leitura e de escrita, buscaremos neste trabalho abordar em especial não necessariamente o que esse leitor diz sobre a obra que lê, ou seja, não apenas o que ele destaca, ignora, detalha ou resume da narrativa das obras lidas, mas, sobretudo buscar descrever quais são as estratégias de escrita mobilizadas para a produção dos comentários que ele faz acerca da obra e do autor. Partimos do pressuposto de que a apreensão de algumas dessas estratégias de escrita possa nos fornecer indícios de como ele se apresenta e se constitui como sujeito leitor, avaliando, por exemplo, a convivência entre um tom conversacional leve, voluntário, aparentemente autônomo e de registro informal e eventuais ecos ou atravessamentos do discurso da crítica autorizada e acadêmica paradoxalmente presentes em seu modo de comentar o texto lido.

Para esta análise, mobilizaremos duas teorias contemporâneas que abordam a leitura como fenômeno discursivo: a Análise do Discurso de orientação francesa (AD) e a História Cultural (HC) da leitura. Essas duas teorias compartilham o princípio segundo o qual todo enunciado (em sua produção e em sua recepção) está sujeito a um sistema de restrições, de coerções quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve enunciar e quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve ler/interpretar. Se a primeira teoria o faz no que diz respeito às restrições que a leitura sofre em relação aos sentidos

que podem ou não ser atribuídos a um texto, pois, segundo Possenti (1999) “para a AD, é consensual que um discurso não circula em qualquer lugar, que não toma livremente uma forma genérica qualquer e que não pode ser interpretado de qualquer maneira por qualquer um” (POSSENTI, 1999, p. 22), a segunda teoria, da HC, o faz com relação às restrições de interpretação que um texto pode sofrer se se altera seu meio de circulação, ou seja,

há algo da ordem da materialização e da circulação que faz com que um texto seja lido de um modo e não de outro, algo que incide sobre os sentidos passíveis de serem produzidos no interior de uma imanência textual, que se liga, para além do caráter sócio, histórico e ideológico da língua, às propriedades e ao regime de circulação definidos por seu suporte [...]. (CURCINO, 2006, p.5)

Assim, por meio levantamento de algumas regularidades linguísticas (seleção lexical, formas de projeção enunciativa do autor e do leitor das resenhas, extensão das orações e dos períodos) e textuais (variações nas regras do gênero, formas de ilustração de sua construção composicional), e apoiando-nos nessas teorias que se ocupam do modo como os textos são lidos e interpretados, buscaremos levantar as diferentes ordens de coerção que regulam a produção dos comentários sobre a obra de Machado de Assis e circulam sob a forma de resenhas em redes sociais específicas, indiciando-nos traços do modo como esses leitores-comentadores lêem e comentam as obras lidas.

Machado de Assis e seus comentadores na atualidade:

Uma rápida busca pela internet nos permite localizar uma série de sites que divulgam, comentam e disponibilizam obras de diversos filões e gêneros. As redes sociais de leitores (para quem lê, para quem gosta de ler e para quem, enfim, deseja um espaço de expressão e de visibilidade sobre seu comportamento

4 - Trabalho oriundo do Projeto de Pesquisa “Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do novo leitor na mídia” que conta com apoio FAPESP 2010/16139-0.

leitor) são um exemplo de como o interesse pela leitura se desenvolve atualmente, ou ao menos se manifesta como tal em função da cultura da visibilidade em que vivemos. Essas redes sociais, que se constituem em nome do interesse comum pelos livros, se multiplicam e ampliam seus membros. A rede SKOOB⁵ é um exemplo. Ela se designa como a maior comunidade de leitores do Brasil, cujo objetivo é permitir a seus membros tornar públicas suas leituras, seus livros preferidos, seus comentários e críticas, suas sugestões de leitura, e também divulgar produtos de editoras afins. Uma rápida olhada pelo site permite observarmos o ecletismo de seus membros leitores. É possível, no entanto, classificarmos, de modo mais geral, essa rede social como composta especialmente por jovens leitores, pelas fotos dos membros, presentes nas páginas do *Twitter*, do *Orkut* e do *FaceBook* da SKOOB, assim como em função de alguns indicadores, apresentados na página principal, a saber, aquele relativo aos livros mais lidos: Harry Potter e a Saga Crepúsculo; e aqueles relativos aos livros que estão sendo lidos ou que estão entre aqueles que se deseja ler, a saber: Crônicas de Nárnia etc.

Embora predominem os comentários sobre livros atuais, *best-sellers*, autoajuda, etc. com especial ênfase àqueles voltados para o público jovem, alguns clássicos da literatura brasileira também são comentados, como exemplificam os dois textos que analisaremos aqui, produzidos acerca dos livros de Machado de Assis, quais sejam: Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba.

Os dois textos comentando as obras do autor foram postados pela mesma leitora, Li da Lua, e publicados na rede social de leitores SKOOB⁶ com o objetivo de assinalar sua participação no Desafio Literário⁷, uma gincana literária que consiste no compromisso de seus participantes de lerem de 12 a 24 livros de literatura, de variados gêneros, e comentá-los na *web* no período de um ano, concorrendo, ao fim do desafio, a alguns

prêmios como livros e marcadores de livros.

Li da Lua⁸, diz, em seu perfil, ser bahiana, ter 28 anos, e ter lido até o momento 246 livros, além de outros 2, que está lendo e de outros 44 que pretende ler. Segundo ela, no momento, ela não relê nenhum, tendo já abandonado 4 que iniciou e não conseguiu finalizar a leitura. Já produziu e publico 89 resenhas dos livros lidos, tendo avaliado (ou ainda classificado com 1, 2, 3, 4 ou 5 estrelas) 240 livros citados no site. Anuncia ainda que possui 54 livros, dos quais ela se dispõe a trocar 5 deles. Seu “paginômetro” é de 78.864 páginas lidas, o que significa que a média de páginas de seus livros lidos é de aproximadamente 320. Trata-se, sem dúvida, de uma leitora extensiva, ou seja, que lê vários livros, rápida e constantemente, como podemos deduzir a partir de suas listas de livros divulgadas na rede social:

Tabela 1 - Metas de Leitura e Livros desejados

META DE LEITURA		LIVROS DESEJADOS	
Título	Autor	Título	Autor
E não sobrou nenhum	Agatha Christie	O último desejo	Andrzej Sapkowski
A Hora das Bruxas	Anne Rice	A Hora das Bruxas	Anne Rice
A Hora das Bruxas	Anne Rice	A Maldição do Tigre	Colleen Houck
A Maldição do Tigre	Colleen Houck	A Descoberta das Bruxas	Deborah Harkness
A Cabana do Pai Tomás	Harriet Beecher Stowe	A Fúria dos Reis	George R. R. Martin
As Esganadas	Jô Soares	A Tormenta de Espadas	George R. R. Martin

5 - Disponível em: <http://www.skoob.com.br>. Consulta feita em Janeiro de 2012.

6 - Disponível em: <http://www.skoob.com.br/>. Consulta feita em 25 fev. 2012.

7 - Disponível em: <http://desafioliterariobyrg.blogspot.com>. Consulta feita em Janeiro de 2012.

8 - Disponível em: <http://www.skoob.com.br/usuario/258530-li-da-lua>. Consulta feita em 25 fev. 2012.

Chocolate	Joanne Harris	A Guerra dos Tronos	George R. R. Martin
Caim	José Saramago	Ovelha negra	Georgette Heyer
A Casa das sete mulheres	Letícia Wierzchowski	Runas	Harris, Joanne
A mesa voadora	Luis Fernando Verissimo	Essas Coisas Ocultas	Heather Gudenkauf
Helena	Machado de Assis	A mulher de trinta anos	Honoré de Balzac
A Casa da Floresta	Marion Zimmer Bradley	A Sociedade do Anel	J. R. R. Tolkien
Mil dias em Veneza	Marlena de Blasi	As Duas Torres	J. R. R. Tolkien
Entre Dois Palácios	Nagib Mahfuz	O Retorno do Rei	J. R. R. Tolkien
O Jardim do Passado	Nagib Mahfuz	Dezesseis luas	Kami Garcia, Margaret Stohl
O Palácio do Desejo	Nagib Mahfuz	Entre Dois Palácios	Nagib Mahfuz
A Pirâmide Vermelha	Rick Riordan	O Palácio do Desejo	Nagib Mahfuz
Carrie, a estranha	Stephen King	O jardim do passado	Nagib Mahfuz
O nome da rosa	Umberto Eco	Dragões de Éter	Raphael Draccon
O Corcunda de Notre-Dame	Victor Hugo	Dragões de Éter	Raphael Draccon
Lolita	Vladimir Nabokov	Dragões de Éter	Raphael Draccon
		A Pirâmide Vermelha	Rick Riordan
		Os Homens que não amavam as mulheres	Stieg Larsson
		A Menina que brincava com fogo	Stieg Larsson

		A Rainha do Castelo de Ar	Stieg Larsson
		Viva Chama	Tracy Chevalier
		Assinado, Mata Hari	Yannick Murphy

Tabela 2 - Livros abandonados e favoritos

LIVROS ABANDONADOS		LIVROS FAVORITOS	
Título	Autor	Título	Autor
Os Irmãos Karamázov	Fiódor Dostoiévsky	Os Sete	André Vianco
O Evangelho segundo Jesus Cristo	José Saramago	Memórias de uma Gueixa	Arthur Golden
Cheio de charme	Marian Keyes	O Continente; Vol. 2	Erico Verissimo
A sociedade secreta mais perversa da História	Shelley Klein	O Continente vol. 1	Erico Verissimo
		Cem anos de solidão	Gabriel García Márquez
		O amor nos tempos de cólera	Gabriel García Márquez
		1984	George Orwell
		Vidas secas	Graciliano Ramos
		Madame Bovary	Gustave Flaubert
		Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	J. K. Rowling
		Orgulho e Preconceito	Jane Austen
		O Xangô de Baker Street	Jô Soares

		Viva o Povo Brasileiro	João Ubaldo Ribeiro
		O Alienista	Machado de Assis
		Dom Casmurro	Machado de Assis
		A menina que roubava livros	Markus Zusak
		O físico	Noah Gordon

O gosto eclético da leitora se confirma nessas listas que indicam suas metas de leitura, seus livros desejados, seus livros favoritos e seus livros abandonados. Há o predomínio de literatura contemporânea e de origem internacional cujos títulos são relativamente conhecidos por figurarem, boa parte deles, entre as listas dos mais vendidos nessas duas últimas décadas.

Podemos observar ainda uma certa discrepância proporcional em relação aos tipos de livros declarados como livros favoritos em relação aos livros declarados como aqueles que se objetiva ler e aqueles que se objetiva ter. Enquanto figura um número maior de livros da literatura clássica, nacional e internacional, com títulos consagrados pela crítica literária e acadêmica, na lista de livros favoritos, predominam os títulos de origem internacional, atuais e oriundos de lista dos *best-sellers*. Entre as razões que poderíamos aventar como explicativas dessa discrepância encontram-se, sem dúvida, por um lado, o impacto da divulgação midiática sobre a circulação dos títulos de *best-sellers* (sob a forma da publicidade editorial, ou da adaptação para filmes e seriados, ou da indicação dos títulos nas listas de mais vendidos, ou da maior e mais efetiva distribuição e disponibilidade dos títulos nas livrarias, etc.) e, por outro, os discursos que circulam sobre a leitura e sobre os livros, que se caracterizam por sua origem intitucional e simbolicamente validada, que são reproduzidos porque anteriormente aprovados e indicados pela crítica literária e acadêmica e divulgados e reiterados em âmbito escolar nos diversos níveis de formação.

Essas listas de livros, além de nos fornecerem informações acerca da dimensão comercial e social da leitura na atualidade, em conjunto com outros dados tais como as resenhas de obras específicas que analisaremos a seguir, podem ampliar e contribuir para uma análise mais consistente, e de uma perspectiva discursiva e cultural, das práticas e representações de leitura que se manifestam na atualidade.

Se antes, era um desafio para os historiadores culturais obterem fontes diretas (impressões, depoimentos, diários, comentários de leitores sobre obras lidas) para a escrita da história das práticas de leitura do passado, hoje, multiplicam-se os meios (e o interesse) para a exposição, por vezes em excesso, de quem nós somos e/ou de quem esperamos parecer ser.

No caso da leitura, e de nossa imagem de leitor, os comentários presentes nos mais variados sites de relacionamento, em redes sociais diversas, permitem um acesso privilegiado a essas representações que frequentam o imaginário coletivo sobre o que é legítimo declarar sobre o que lemos. Por se tratar de uma obra clássica da literatura brasileira e de um escritor-símbolo e consagrado da produção literária nacional, observamos, pelo simples fato dele figurar entre os livros resenhados, a confirmação desse seu status entre diferentes públicos.

Na figura 1⁹, encontra-se uma resenha postada por um dos participantes do Desafio Literário 2011, na qual figuram a capa do livro e algumas informações sobre a obra, apresentadas pela leitora que a classifica como “quatro estrelas” e, por meio de outras sinalizações, indica que o livro em questão foi lido, mas não é um de seus favoritos, nem tampouco um daqueles que ela deseja ter, ou que trocaria, emprestaria ou possui.

9 - Disponível em: <http://www.skoob.com.br/estante/resenha/8534540> . Consulta feita em 25 fev. 2012.



Memórias Póstumas de Brás Cubas
Machado de Assis - 213 páginas - FTD

Resenha

DESAFIO LITERÁRIO 2011 - AGOSTO - CLÁSSICOS DA LITERATURA BRASILEIRA *LIVRO 2*

18/08/2011

Sinopse: O romance é narrado por um defunto, que reconta a própria vida, do fim para o começo, num relato marcado pela franqueza e ironia. Leitura obrigatória!

Sempre tive curiosidade em ler este livro, mas não sei por que, nunca lembrava dele na hora de comprar algum! Bom, lerei o que Brás Cubas tem a relatar! Rs

O livro é bom, mas acho que não estou no astral para ler Machado esses dias... Demorei horrores para me concentrar... e terminar.

Acho que é o título mais seco de Machado, exatamente porque, por estar morto, Brás Cubas não quer mais é saber de nada! É muito interessante ler um livro no qual o personagem não tem amarras sociais, fala o que quer, de quem quer, pena que essa sinceridade não é lá muito possível... Viver em sociedade é chatíssimo, eu não entendo regras de convivência, acho que boa parte delas só servem para que as pessoas simplesmente não se gostem, nem se entendam! Sempre digo que vou fazer que nem (São) Francisco de Assis e me enfiar numa cabana no meio da floresta e dar bom dia à irmã raposa!

Este trecho é bem a cara do livro: Brás não foi um exemplo de ser humano, mas viveu do jeito que bem quis... Boa dele!

"Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me leem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez... sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame de cínico. (...) Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem; meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias, um pandemônio, alma sensível, uma barafunda de coisas e pessoas, em que podias ver tudo (...).

Machado, sempre certo ao analisar a alma humana, seja lá a época que for...

gostei (0) não gostei (0) comentários(0) comente

Figura 1 - Resenha: Memórias Póstumas de Brás Cubas

Trata-se de uma edição contemporânea, publicada por uma editora relativamente reconhecida por publicar textos didáticos e de literatura infanto-juvenil. O primeiro enunciado da resenha, designado como sinopse, contém uma síntese padrão do conteúdo da obra e, em conformidade com uma prática muito comum da produção e circulação de textos pela rede eletrônica,

corresponde a um fragmento presente em vários outros sites de apresentação deste livro, constatável por meio de uma pesquisa em motores de busca comuns.

Este tipo de plágio parcial é prática bastante comum na *web*, o que se exemplifica com a Figura 2¹⁰, na qual constatamos a mesma 'sinopse' de apresentação da obra.

10 - Disponível em: <http://pamelachris.blogspot.com/2011/11/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html>. Consulta em Fevereiro de 2012.

QUARTA-FEIRA, 9 DE NOVEMBRO DE 2011

Memórias Póstumas de Brás Cubas -
Machado de Assis



Editora: Martin Claret
Autor: MACHADO DE ASSIS
Número de páginas: 182
Formato: Bolso

"O romance é narrado por um defunto, que conta a própria vida, do fim para o começo, num relato marcado pela franqueza e ironia."

Não vou dizer que adorei o livro, porque seria uma mentira. Talvez o livro não seja bom (duvidol!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável). A verdade é que a linguagem é cansativa, e os enredos simplesmente acontecem. Pow!, de repente algo estava acontecendo, sem nenhuma introdução ou aviso prévio. Por outro lado é interessante para análise comportamental, porque, como os professores falam, o autor descobre o mais profundo do ser humano, revelando-o a nós. Interessante ouvir as reflexões de um morto, que, não tendo nada a perder, pode falar qualquer coisa, até dele próprio. Não precisa se preocupar com o que irão pensar, mesmo. Para quem adora palavras rebuscadas, e é bastante culto (daqueles que conhecem bem qualquer poeta, historiador e mitologia, e que grava trechos de poesias ou de peças teatrais) o livro será bem agradável e até deleitável. Porém, para mim, em minha tenra idade de 18 anos e conhecimento que não chega aos pés de Machado de Assis, foi até um pouco (me perdoem, amantes de Machado) entediante. Compreensível como ele se tornou um dos maiores escritores do Brasil, com seu vasto conhecimento aplicado em seus livros, e a maneira como ele desnudava o personagem. Quando eu for mais velha, tiver percorrido primaveras e conhecimentos, olerei novamente, para pura apreciação. Felizes são os jovens que conseguem compreender Machado, porque eu, ainda, não cheguei a essa fase. Uma pena eu não poder ter feito uma resenha mais agradável.

Figura 2 Resenha de Memórias Póstumas de Brás Cubas

A apropriação de fragmentos de comentários das mesmas obras, disponíveis em diferentes sites, demonstra não apenas uma prática de composição textual ‘facilitada’ por técnicas de recorte e colagem, comuns nas novas formas de tecnologia eletrônica de produção e circulação de textos. São excertos que, nestes dois exemplos, funcionam como epígrafe dos comentários, e cuja origem normalmente pode ser atribuída a sites de livrarias e sebos virtuais, sinalizado sobretudo pela recomendação, comum desses sites, de que se trata de uma “Leitura obrigatória!”. O uso desses excertos atesta não apenas

essa prática de composição textual característica da atualidade, como também uma espécie de validação, de apropriação de uma voz autorizada para sintetizar o conteúdo de uma obra literária importante.

Na resenha apresentada na Figura 1, observamos uma mudança de registro linguístico sintomática das injunções atuais sobre a escrita de comentários em redes sociais, coerções estas produzidas, de um lado, pelo meio técnico de produção e circulação, de outro pelo universo que trata do objeto comentado. A linguagem empregada nas redes sociais assume um tom

familiar, próprio das conversações face-a-face, reproduzidos na escrita pelo emprego de formas coloquiais e pela simulação de sons da oralidade, como verificamos em: “Bom, lerei o que Brás Cubas tem a relatar! Rs”. O encadeamento imediato, na organização do texto, entre o enunciado da ‘sinopse’ padrão e o enunciado da opinião da leitora produz uma quebra da coesão linguística, assinalando os modos de produção que constituem o texto.

Esses traços da informalidade, próprios de uma conversação entre amigos, reitera-se ao longo do texto, como exemplifica o terceiro parágrafo, no enunciado: “[...] acho que não estou no astral para ler Machado esses dias”. O emprego de uma gíria e, de certo modo, de uma metonímia ao se referir não aos textos específicos, mas ao autor, sugerem um grau de intimidade, respectivamente, com o público leitor a que se dirige; assim como com o autor da obra, interpelado somente por seu primeiro nome.

Como se vê, a leitora não tem a preocupação formal, em sua resenha, de apresentar elementos que caracterizam esse gênero, como o narrador, personagens, enredo, clímax, anti-clímax, ambiente, tempo e forma da narrativa. Ela contenta-se em opinar criticamente sobre a maneira como Brás Cubas vivia sua vida, identificando-se com a mesma: “Boa dele!”. Embora não atenda a todos os critérios formais de uma resenha, a leitora vale-se de uma citação da obra de modo a corroborar o seu comentário. Assim, articulam-se em seu texto práticas de escrita próprias do gênero tradicional e do exercício da crítica de origem erudita, com práticas de escrita comuns à produção de comentários em redes sociais.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo compreender algumas práticas de leitura e escrita de comentários de leitores comuns e da atualidade. Vimos, brevemente, que os comentários não correspondem ao exercício de um leitor legitimado a comentar criticamente obras literárias, mas que o faz com as possibilidades inauguradas pela *Web 2.0*.

Esse leitor apropria-se dos textos de maneira peculiar,

não atento às injunções formais e acadêmicas que, no entanto, atuam sobre sua escrita. Ele também submete-se à ordem e ao padrão de escrita próprios do universo das redes sociais, falando a seu leitor como a um próximo, de maneira íntima e informal. Esse leitor, consciente do imaginário que predomina sobre a leitura, e sobre o que é ser leitor de certas obras, assume o modo de falar próprio daqueles autorizados a falar dos textos, assim como relativiza sua competência como comentador de obra literária.

Esse leitor, portanto, lê e produz seus comentários conforme duas injunções, duas ordens discursivas que atuam sobre o que ele interpreta e diz de sua interpretação: por um lado, a injunção material, relativa ao modo de circulação dos comentários e responsável pelo tom informal, conversacional, íntimo estabelecido no texto por meio de diferentes estratégias de escrita (escolhas lexicais, um padrão sintático simples, uma estrutura linear de produção do resumo da narrativa, etc.); por outro lado, há a injunção institucional, que implica um modo de comentar segundo um modelo, ou eco, da crítica literária convencional, escrita e tradicional. Assim, conforme a AD e a HC, toda leitura é fruto de um exercício de interpretação sempre suscetível a injunções de diversas ordens (técnicas, culturais, sociais, institucionais, históricas etc). Nossas interpretações, portanto, são uma síntese do exercício criativo e, em certa medida, singular e individual submetido aos limites e coerções tecnosocioculturais da modernidade, e que se manifestam em nossos comentários sobre o lemos.

Referências

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. A História da leitura. In: _____. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

CHARTIER, Roger. Aula inaugural do collège de France. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Roger Chartier: a força da representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011. (Grandes temas, 11). p. 249-288.

CHARTIER, Roger. Leitura e leitores ‘populares’ da renascença ao período clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.) [1997]. **História da Leitura no Mundo Ocidental 2**. São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 117-129.

_____. Leituras “populares”. In: _____. **Formas e sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 141-167

_____. **Écouter les morts avec les yeux**. Paris: Collège de France/Fayard, 2008.

CURCINO, Luzmara. Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA. (Tese de Doutorado), FCLAR – UNESP, (p. 337), Araraquara – São Paulo, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. [1976].

GOULEMOT, Jean-Marie (Org.). **Valentin Jamerey-Duval: Mémoires: enfance et éducation d’un paysan au XVIIIe siècle**. Paris: Minerve, 1981.

HÉBRARD, Jean. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os “novos leitores” revisitados. In: Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial, I, Rio de Janeiro: UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 2004.

POSSENTI, Sírio. A leitura errada existe? In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ Associação de Leitura do Brasil, 1999. (p. 169-178)

POSSENTI, Sírio. “Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?” In MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras-ALB, 2001, p. 19-30.

ROCHE, Daniel (Org.). **Journal de ma vie: Jacques-Louis Ménétra compagnon vitrier au 18^{ème} siècle**. Paris: Montalba, 1982.